

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO COMO FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Lidiane Maciel Pereira
lidiimaciel@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas - Brasil

Michel Hallal Marques
michelhallal@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas – Brasil

Cristiane Wroblewski
krika_w@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – Brasil

Denise Nascimento Silveira
silveiradenise13@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – Brasil

Tema: Formación de profesores y maestros

Modalidad: CB

Nivel educativo: Terciario - Universitario

Palabras clave: Estágio Curricular Supervisionado. Formação Inicial de Professores. Ensino de Matemática.

Resumo

Este artigo busca uma reflexão sobre formação inicial de professores de Matemática, mais especificamente no Estágio Curricular Supervisionado que ocorre nas escolas de educação básica da região de Pelotas-RS-Brasil. Considerando que o período de regência de classe é uma etapa importante em um curso de licenciatura, pois nesse espaço é que o acadêmico vivencia a docência, podendo construir sua identidade profissional e, assim confirmar a decisão de seguir ou não como docente. Para buscar uma compreensão sobre esta condição, realizamos uma pesquisa qualitativa com um grupo de estagiários da licenciatura que já realizaram o primeiro dos dois estágios. Abordamos questões tais como: o aluno teve algum contato anterior ao estágio com algum tipo de turma escolar? Ele considera que o curso apresenta deficiências em relação a sua formação docente? Quais suas expectativas, suas conclusões? O que ele construiu sobre a docência nesse período? Procurando observar o amadurecimento, tanto profissional quanto pessoal do aluno-professor, ao concluir essa experiência, buscamos observar a postura dos acadêmicos antes, durante e depois da vivência dessa prática com vistas a melhorar e ampliar a concepção de estágio e docência. Os resultados obtidos revelou a importância dessa etapa na formação dos futuros professores de matemática.

Introdução

Iniciamos este texto destacando o significado da palavra “estágio”, que quer dizer aprendizado, período que se pratica para aprender. Mas será que é apenas no Estágio Curricular Supervisionado que praticamos para aprender? Será que é apenas em

disciplinas chamadas “pedagógicas” é que aprendemos a sermos professor? Na verdade, não há um momento específico da formação docente que praticamos mais para aprender do que o outro, pois toda nossa jornada deve ser valorizada e entendida como aprendizado.

Quando se procura um curso de licenciatura, espera-se que o aluno queira ser um professor e, exercer esta profissão, porém as práticas de estágio tem revelado o que realmente queremos ser. É nelas que encontramos talvez, os primeiros contatos como docentes com seus alunos. É nesse momento que a pessoa percebe se ela gostará da carreira que está pretendendo seguir ou não. Ninguém nasce professor, isso não é um dom divino, mas sim, somos estimulados e mobilizados desde pequenos a sermos professores.

Consideramos pelos estudos que temos realizado que um bom professor deve ser aquele que pensa diferentes caminhos para construção do conhecimento, tanto dele como do seu aluno e que ainda utiliza a docência como espaço de troca de experiências. Ser professor não é apenas ter conhecimentos da teoria e da pedagogia de ensino, mas sim, ter uma série de outros aprendizados, inclusive da prática nas escolas. Nessa perspectiva, o pensamento de Freire reforça essa ideia,

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (1996, p.47)

É importante que o futuro professor carregue a postura do querer aprender sempre. Dessa forma, o Estágio Curricular Supervisionado representa um tempo de aprendizagens e ensinamentos necessários para a prática docente. No entanto, a curiosidade epistemológica freireana, componente essencial para a formação de professores, necessita estar presente em todas as etapas.

Quanto a curiosidade epistemológica freireana, as estudiosas Maia e Mion (2008, p. 3), escrevem que,

O termo curiosidade epistemológica foi desenvolvido por Paulo Freire. Para Freire (2003), não é a curiosidade ingênua, espontânea e desarmada que faz a “tomada de distância epistemológica” do objeto de conhecimento. Esta tarefa cabe à curiosidade epistemológica, que superando a curiosidade ingênua, se faz mais metodicamente rigorosa. Essa rigorosidade metódica é que permite a passagem do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico e, tal rigorosidade se acha no método de aproximação do objeto.

Assim percebemos a importância dessa formação docente ocorrer dentro da escola, pois “a atenção devida ao espaço escolar, enquanto contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica deveria ser preocupação de todo projeto educativo sério” (FREIRE, 2003. p.78).

Outro teórico que retoma o espaço escolar como o espaço da formação, é Antonio Nóvoa, o autor faz referência a cultura escolar, escrevendo

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão (2009, p.25).

O autor, também considera que o estágio como etapa fundamental da formação. E, ainda quando se trata de escolher a melhor fase da graduação, Nóvoa (2001) diz que:

Se tivesse de escolher a mais decisiva, ficaria com a dos anos iniciais da profissão. Infelizmente, não se dá a devida atenção a esse período. É ele que define, positiva ou negativamente, grande parte da carreira. Para mim é inaceitável que uma pessoa que acabou de se formar fique encarregada das piores turmas, muitas vezes sem apoio nem acompanhamento. Quem está começando precisa, mais do que ninguém, de suporte metodológico, científico e profissional.

Lamentavelmente, por mais que esta seja realmente a melhor fase no período da graduação, a mais esperada por quem realmente pretende ser professor, nem sempre é o momento em que o acadêmico recebe o apoio que necessita. Tanto o apoio e suporte profissional de seu professor orientador, quanto deveria receber. E, na maioria dos casos, são os próprios alunos-professores que devem buscar ajuda dentro de si mesmos e tentar seguir o estágio da maneira que melhor julgarem.

Em seus estudos Pimenta e Lima (2004, p. 36) nos afirmam que:

O estágio, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamental teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Assim, a observação se limita à sala de aula, sem análise do contexto escolar, e espera-se do estagiário a elaboração e execução de “aulas-modelo”.

Para isso, devemos tentar ser diferentes e não reproduzir maus exemplos que tivemos durante nossa vida escolar, a pesar de sabermos que essa é uma tarefa difícil, mas não pode ser deixada de lado, como um problema que atrapalha nossa desenvoltura profissional.

Para Andrade (2005, p. 2),

é, portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência fazer bem o que lhe compete.

Dessa forma, essa etapa de experiências com o estágio, proporciona ao aluno-estagiário um momento de formação da identidade profissional, assumindo a responsabilidade, muitas vezes pela primeira vez, de ser professor de matemática. Essa responsabilidade não inclui apenas a relação com o aluno, em que precise aprender o que se ensina, mas sim, temos agora uma responsabilidade social com a escola e com a comunidade escolar.

Metodologia

Na pesquisa desenvolvida, mostrou-se qual a relação do estágio na formação de futuros professores de matemática, que são alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas e já realizaram seu primeiro estágio curricular supervisionado.

Com tudo, pensando nesta reflexão que será abordada no decorrer do questionário, como uma forma de repensar nas atitudes que tivemos durante toda esta trajetória de estágio, é válido lembrar o que diz Gómez (1995, p. 103),

A reflexão implica na imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente [...].

Esta reflexão não faz apenas sentido quando o que planejamos para o estágio dar certo, mas sim também serve para refletirmos, principalmente, se realmente queremos ser professores de matemática, refletindo sobre o que estamos realizando e avaliando se realmente é isso que almejamos profissionalmente.

Das possibilidades teóricas existentes, aplicou-se um questionário que se insere num caráter de pesquisa qualitativa com sete acadêmicos da licenciatura, que realizaram seus estágios em escolas da rede pública de ensino da cidade. O objetivo do

questionário não era para o aluno concordar ou discordar com o mesmo, mas sim que registrassem através da escrita as reflexões sobre a sua formação a partir estágio.

Partindo das respostas obtidas realizamos as análises e posteriores conclusões sobre nossa pesquisa, considerando que o estágio e a vivência que define a nossa opção profissional, ou seja, vamos ser professores ou não.

Análise de dados a partir do questionário aplicado

Foram coletados sete questionários nos quais continham oito questões discursivas. Os estagiários entrevistados foram identificados de E01, E02, E03,..., E07 por ser como uma forma de referenciá-los, preservando a identidade dos mesmos.

A faixa etária dos respondentes é entre 20 e 36 anos, distribuídos em diferentes semestres do Curso de Licenciatura. Vale lembrar aqui que estes deveriam estar pelo menos no 6º semestre já que é o momento onde se realiza o primeiro estágio direcionado ao Ensino Fundamental o qual é nosso cenário de pesquisa.

Análise específica de cada questão abordada no questionário

Para realizar uma análise detalhada sobre o que pensam os depoentes, optou-se por fazer uma leitura crítica de cada questão abordada no questionário.

Neste recorte da pesquisa, destacaremos as principais ideias nas respostas dos entrevistados, as questões de 3 a 8, pois as demais questões abordavam dados pessoais.

- Questão 03: você teve contato com alguma turma antes do seu estágio? De que forma?

Os entrevistados E05, E06 e E07 apenas afirmaram que não tiveram contato de nenhuma forma. Os demais que disseram ter tido algum contato, escreveram que estes foram de várias formas através de projetos da universidade e que foram muito importantes contribuindo com o trabalho em sala de aula do estágio.

- Questão 04: Você como aluno do curso de licenciatura em matemática, percebe que há deficiência no curso quanto sua preparação antes de entrar em uma sala de aula para estagiar? Justifique sua resposta.

Percebemos pela análise das respostas que 100% dos entrevistados observam certa falha no Curso de Licenciatura. Alguns admitem se sentirem despreparados para ministrar seus estágios, que se chocam com a realidade escolar que segundo eles, não é

passada pelos professores da universidade. Consideram que o impacto é mais forte quando não se tem esse “aviso” do que virá pela frente, durante a formação.

- Questão 05: Quais foram suas expectativas em relação ao seu estágio em aspectos tais como a escola, a turma, a professora titular da turma, a forma de trabalhar, etc? Justifique sua resposta.

Ao observar as respostas dos alunos, percebemos que antes de entrar numa sala de aula se têm uma grande expectativa, de tentar fazer diferente e de que há uma escola pública de qualidade nos esperando, alunos dedicados e professores que nos orientem. Porém, na maioria dos casos, destaca-se a surpresa dos estagiários quando se tornam os professores titulares da turma.

- Questão 06: Durante o seu estágio, o que pode perceber em relação a sua própria formação? Justifique sua resposta.

Nota-se que o estágio é realmente um período de reflexões, em que os licenciandos percebem a dificuldade que um professor enfrenta hoje em nosso país. Foram relatadas as seguintes aspectos: a estrutura escolar, a equipe diretiva, o comportamento dos alunos, a cobrança dos pais, a falta de recursos na escola, à falta de ajuda do governo. Em fim, são abordados vários aspectos que infelizmente desmotivam os profissionais dessa área.

- Questão 07: As disciplinas chamadas “pedagógicas” influenciaram em seu estágio? Justifique sua resposta.

A disciplina TCI (Trabalho de Campo I), citada pelo depoente E03 em sua entrevista, é onde somos preparados para assumir nossa primeira turma de estágio.

Nessa questão, percebemos que as opiniões são divididas quando falamos de disciplinas pedagógicas, que deveriam também ajudar na constituição do professor, percebemos que elas não suprem as necessidades dos estagiários, pois não garantem receber um manual de como fazer e como agir em um estágio.

- Questão 08: Agora, depois do estágio já realizado, qual sua visão como futuro professor, da prática em que teve com sua turma de estágio? Justifique sua resposta.

Acreditamos que ainda há esperanças de um futuro melhor, que partindo das observações feitas nessa última questão, aos que realmente pretendem ser professores, nota-se uma expectativa em conseguir fazer mais e melhor. Porém outros ainda estão em dúvida que talvez sejam respondidas até o final da graduação.

Considerações Finais

Nota-se então que as respostas dos entrevistados são claras e sinceras nas quais utilizaram desse instrumento para desabafar sobre o que eles perceberam no que ocorreu antes, durante e depois da regência de estágio. Embora as respostas não tenham sido tão positivas, deixam-nos apreensivos e preocupados, a pesar de ser essa a realidade escolar que o Brasil vive hoje.

Constata-se que os alunos do Curso de Licenciatura em Matemática veem o problema por vezes no próprio curso, na própria formação que acaba se atrelando as dificuldades hoje apresentadas em nosso cenário de formação inicial.

Essa etapa do estágio, o momento em que o aluno-professor toma consigo a responsabilidade de ensinar as crianças o que aprendeu ao longo da graduação, é sem dúvida o lugar onde ocorrem muitas reflexões, mudanças de opiniões, dando-lhes a chance de pensar a respeito do seu futuro, se realmente é cabível a cada indivíduo seguir nessa profissão.

Há vários fatores (relatados nas entrevistas) que estimulam e outros que desmotivam o aluno quanto docente, pois para muitos se tornarem professores é um sonho no qual infelizmente com a situação que vemos não é tão fácil de ser realizado, é preciso ter autoconfiança e persistência para seguir nessa profissão.

Essas causas que desmotivam, leva em alguns casos, a desistência do curso ou até mesmo de seguir em uma licenciatura, pois como podemos rever nas entrevistas, o baixo salário e o apoio do governo, também, contam nessa questão. Já outras implicam na maior satisfação pessoal, ou seja, quando fazemos não pelo dinheiro que recebemos, mas sim por acreditar no que fazemos e pela realização em poder ajudar o próximo.

Percebemos, também, que cada uma das etapas de estágio são muito importantes, pois alguns mencionam o antes, que é a disciplina de Trabalho de Campo I, no qual ajudam o aluno estagiário por exemplo em como fazer planos de estágio dentre outras que nos apresentam matérias para trabalhar a matemática. Outros mencionam o tempo de observação, que seria oficialmente o primeiro contato direto com o âmbito

escolar e com os alunos, onde puderam analisar o comportamento da turma, a postura da professora titular no qual em alguns casos, assustou um pouco, outros se iludiram achando que seria fácil.

Mas concluímos que para todos, o estágio fez algum sentido, pois é ali que criam suas afeições com os alunos, onde passam a se inserir no seu mercado de trabalho, onde se sentem atuando no seu papel de professor. Também é visto como uma oportunidade para o desenvolvimento da identidade e postura profissional como futuros docentes.

Portanto, todas essas situações aqui apresentadas, que enfrentamos em nosso período de estágio, há aqueles que realmente querem ser professores, isso só os ensina como repensar sua forma de ser e, assim, refletir sobre a educação e qual sua contribuição para que um crescimento pessoal.

Referências Bibliográficas

Andrade, A. M. de A (2005). *O Estágio Supervisionado e a Práxis*. Docente. In: Silva, M. L. S. F. da S. (Org.). *Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática*. Natal: EdUFRN.

Freire, P (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2003^a). *Á Sombra desta Mangueira*, 5^a edição. São Paulo: Olho d'Água.

Gómez, A (1995). *O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo*. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote. p.93-114. d.

Nóvoa, A. (2001). *Professor se forma na escola*. Nova Escola, São Paulo, n. 142, p. 13-15.

Nóvoa, A.(2009). *Professores: Imagens do Futuro Presente*. EDUCA, Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. Lisboa.

Maia, D. R. A. ; Mion, R. A. (2008). *A curiosidade epistemológica no desenvolvimento de atividades educacionais na formação do professor e pesquisador em ensino de Física*. In: *VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPEDSul, Itajaí - SC.- Pesquisa em Educação e Inserção Social*, p. 1-16.

Pimenta, S; Lima, M.(2004). *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez.